



Blumenau em cadernos

T O M O XII - ★ FEVEREIRO DE 1971 ★ - Nº. 2

Canto dos Cooperadores

Esta publicação pode sobreviver graças
à generosa contribuição dos seguintes
cooperadores:

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Tabacos Blumenau S/A.

Indústrias Têxteis Companhia Hering S/A.

Artex S/A.

Dr. Henrique Hacker - Blumenau

José Sanches Júnior - São Paulo

Prefeitura Municipal de Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz

Emprêsa Industrial Garcia S/A.

Arthur Fouquet - Blumenau

Banco Brasileiro de Descontos S/A.

Tecelagem Kühnrich S/A.

Electro Aço Altona S/A.

Distribuidora de Tecidos S/A.



Blumenau

em Ladernos

TOMO XII

Fevereiro 1971

Nº. 2

UM TRECHO DE MINHA INFANCIA

GUSTAVO KONDER

Há treze lustros, numa maravilhosa manhã de sábado, num dos espaçosos quartos do palacete da minha avó Adelaide Konder, à rua Lauro Mueller, na cidade de Itajaí, vim ao mundo. Escrevia-se a data de 29 de julho de 1905.

O meu nascimento foi festejado pela família e por numerosos mendigos que, todos os sábados, vinham ao palacete, para receber as costumadas esmolas, conforme era a praxe na época. Neste dia, estavam todos sentados na varanda dos fundos, aguardando o desenrolar do feliz evento. E, quando ouviram o meu choro e sabendo que se tratava de um forte garôto, todos sorriram e me abençoaram.

Passaram-se os meses e, certo dia, minha amorosa mãe ficou desconfiada com os meus modos diferentes, pois não atendia aos seus chamados, nem às suas canções de ninar. Descobriu, profundamente consternada, o meu defeito e, entre soluços e lágrimas, exclamou: - "Meu Deus"! Este nenê não ouve! É surdo!". As pessoas presentes, entre elas as minhas tias, ficaram chocadas e apreensivas, porém a tia Adelina, irmã mais velha da minha mãe, abraçou-a amorosamente, dizendo: "Isto não tem importância. O teu filhinho não será infeliz, pois terá uma bonita figura!". Esta profecia realizou-se, assim me contou mais tarde a minha inesquecível mãe.

Os meus primeiros anos foram de fato muito felizes, por causa dos grandes desvelos, bastante açucarados, das minhas tias, entre elas a saudosa tia Flôr que durante a terceira gravidez da mamãe, reteve-me em sua casa por quase um ano. Quando reclamaram a minha volta, a tia Flôr chorou copiosamente! Durante êste intervalo, aconselhada pela tia Adelina, a minha mãe aprofundou-se sèriamente na leitura de livros francêss sobre a educação e recuperação dos surdos e mudos, pelo sistema moderno

da época, adotado pelos países adiantados da Europa.

Quando completei cinco anos de idade, a minha corajosa mãe começou a me ensinar as primeiras letras escritas na lousa de ardósia. Os primeiros dias foram difíceis, mas com a ilimitada paciência da mamãe e ajudada por minha vivacidade, comecei, aos poucos, a compreender tudo. Ainda me lembro quando escrevi a primeira letra "A", fazendo um bonito círculo e, em baixo, uma linha unida e encurvada, completando-a. Com a letra "O" fiz o contrário e assim fui descobrindo outras letras. Depois os complicados números. Um ano depois, com seis anos já escrevia e lia corretamente, para o espanto de muita gente. Até o rústico vovô Xandóca, sentado do meu lado, acompanhava envaidecido o meu trabalho. E com isto nunca mais larguei a mania de escrever e de desenhar na lousa preta e mais tarde em cadernos.

Foi nesta idade que tive a grata idéia de escrever a minha primeira cartinha para a vovó Luiza, que estava no Rio, em visita à uma filha casada, com o seguinte teor: -«Minha querida Vovó. Eu tenho muitas saudades da vovó. Quando volta? Beijos do seu neto Gustavo». Ella respondeu-me, uma semana após:- «Meu adorado Gustavinho. Chorei muito com a tua carta, pois é a primeira carta de um neto. Muito obrigada. Muito breve estarei aí. Beijos carinhosos da vovó». Eu possuía esta carta, mas com a revolução outubrista, quando mudei-me juntamente com os meus pais para o Rio, perdi-a. Voltando ao assunto interrompido.

Um dia, o meu grande e abençoado dia, foi aquêle em que aprendi a pronunciar as primeiras letras **COM VOZ** Terminada minha costureira lição, a minha mãe, sentada á minha frente e com o dedo indicador em sua bôca, ao mesmo tempo apontava a letra «A» escrita na lousa. Prontamente imitei-a, porém **SEM VOZ** Então a mamãe, para corrigir esta falha, pegou a minha mão e encostou-a em sua garganta e finalmente compreendendo, repeti corretamente a primeira vogal sonante. Assim, aos poucos, fui assimilando a «leitura labial». Êstes exercícios eram diários, das 8 às 11 horas, no gabinete isolado do meu pai. Em pouco tempo começamos a «conversação», deixando de lado as grotescas gesticulações, de acôrdo com as insistentes exigências da mamãe que, daí por diante, obrigava os meus irmão a fazer o mesmo quando falassem comigo. Não raro, pessoas estranhas gesticulavam, mas, minha mãe, sempre vigilante, entre revoltada e exigente pedia:- «Fale, porém devagar, pois meu filho compreende tudo. Por favor não repita isto!».

Durante os longos doze anos, estudei todas as matérias, adotadas pelas escolas primárias e secundárias. Aprendi até, com carinho, a lingua francêsa, o belo idioma dos meus bisavós maternos (Lebon). Só não pude compreender (embora pesarosamente) a difícil pronúncia da lingua alemã, mas entendo muitas palavras, por causa de minha descendência, por parte do meu augusto vovô Konder, pai do meu pai.

Quase dois terços de minha infancia. vivi entre livros, pois eram o meu divertimento predileto. Brincava raramente com os próprios irmão e primos, apesar dos rogos e das recomendações da mamãe.

Tôdas as tardes, depois de terminadas as minhas lições, corria para casa dos meu avós Régis, que ficava ao lado do nosso solar e, aninhado no colo da vovó Luiza, contava todas as «novidades», descobertas

nos livros de história do Brasil. Também, de vez em quando, fugia até a casa da tia Flôr, que risonha e atenciosa, ouvia as mesmas histórias. Foram tempos inesquecíveis!

O grande quarto, situado no sótão do solar paterno, tinha duas amplas e espaçosas janelas envidraçadas que ofereciam uma visão soberba sôbre o lago artificial, o rio Itajaí, o céu e finalmente o oceano lindamente azulado. Podia vislumbrar o nascimento poético do sol ou da lua em tôda a sua magestade.

Era ali o meu refúgio predileto, o meu santuário e, onde passava a maior parte do meu tempo disponível. Mobiliado com duas pequenas prateleiras, atulhadas de livros, uma escrivaninha, uma cadeira de braços, um guarda roupa, uma cômoda prêta de três gavetões, um pequeno baú e, ao lado da minha cama, em cima de uma mesinha de cabeceira, um pequeno oratório ornado com fitas coloridas tendo ao centro, num pedestal, a imagem de Nossa Senhora. Este oratório pertencia à minha bisavó materna Camilla Lebon, que era católica fervorosa.

Ganhei da mamãe, pelo meu oitavo aniversário, o primeiro livro romanceado, intitulado "O Coração", de Edmundo d'Amicis, e, da vovó Luiza, a coleção completa de Júlio Verne, com bonitas gravuras feitas a mão. Estes livros me empolgaram bastante. Por causa dos últimos livros, fiz diversas composições e, entre elas, a mais difícil, sôbre a origem do «Carvão de pedra», feita quando eu tinha apenas 14 anos. A mamãe, visitando o sr. Tycho Brahe, almirante reformado e eminente professor do Grupo Escolar «Victor Meirelles», mostrou-a, e êle, quase não acreditou. Certo dia, na sala de jantar, eu estava fazendo as minhas operações de álgebra, sob as vistas da mamãe, quando terminei, vi-a olhando para cima e atrás de mim. Então, curioso, virei-me e levei um grande susto, pois era o erudito professor, Sr. Orestes Guimarães, que havia entrado silenciosamente para espionar-me. Depois de passar a mão, carinhosamente, na minha cabeça o ilustre inspetor escolar felicitou-a e, todo entusiasmado cumprimentou-a exclamando: - «Isto é um verdadeiro milagre! Parabens Dona Sinhá!».

Em seguida passarei a narrar uma travessura que muita gente ignora. Além dos livros e revistas, também lia com grande interêsse os grandes jornais do Rio que me entusiasmavam pelos inflamantes discursos do grande Ruy Barbosa, proferidos no Senado. Justamente em 1919, quando eu tinha 14 anos, fazia-se acirrada campanha presidencial entre Ruy, pela oposição, e Epitácio Pessoa, apoiado pelo poderoso Partido Republicano. Embora o meu pai fôsse presidente do partido republicano do município de Itajaí, eu torcia freneticamente pela oposição. Chegando o dia da eleição, tive a ousadia de escrever em 50 tiras de papel, arrancadas dos meus cadernos, o seguinte: - «VOTE EM RUY BARBOSA, O MAIOR». Acabado o meu trabalho, metia-as dentro dos meus bolsos e fui andando, sem ninguém me notar até a antiga Prefeitura, onde funcionava a principal Seção eleitoral, presidida pelo deputado estadual, sr. Felix Busso Asseburg. Defronte à porta da entrada estavam postados alguns homens bigodudos e endomingados aos quais entreguei as pri-

meiras tiras de papel. Criando coragem entrei, sorratamente, na prefeitura, afim de distribuir os restantes panfletos aos outros «prováveis» eleitores. Alguém percebendo o minha «cabala» foi chamar a atenção do sr. Assemburg e êste, avistando o meu pai que se achava no outro lado da sala, gritou:- «Marcos! Olha lá, o teu filho está «cabalando» aqui! E, antes que o meu pai me visse, escapuli, disparando em desabalada carreira para casa. Este incidente, evidentemente, era o prato do dia! Felizmente os meus pais não ficaram aborrecidos, pelo contrário, acharam graça e deram gostosas risadas, porém eu fiquei tremendamente encabulado...

Encerrando a minha crónica, devo esclarecer aos meus prezados leitores que, se mencionei o sistema do meu aprendizado, foi unicamente com o intuito de encorajar e animar os pais, cujos filhos também tenham nascido surdos e mudos como eu. - "QUEM PERSEVERA... VENCE!"



Um jornal de Itajaí, publicava, em 23 de janeiro de 1910, o seguinte: "O jôgo tem invadido, nos últimos tempos, e de maneira assustadora, o interior de Blumenau, roubando as economias duramente amealhadas de muitos colonos e pervertendo a proverbial candura daquelas simpáticas populações. Por ocasião de qualquer festa pública, que atráia muita concorrência, por exemplo em corridas de cavalos, aparecem sempre dois ou três jogadores profissionais; montam a sua banca e à noitinha recolhem-se os assistentes às suas casas, amaldiçoando a hora em que vieram ao divertimento, onde deixaram todo o dinheiro que consigo tinham, enquanto os exploradores da sua simplicidade, satisfeitos com o negócio que fizeram, ficam a contar a fêria que fizeram e que sobe a alguns contos de réis. Êsse fato não se dá só no centro de Blumenau, mas em muitos lugares do nosso interior".



Em todo o Estado de Santa Catarina havia, em dezembro de 1878, nada menos que 12.829 escravos. Dêstes, 3.579 na capital, Destêrro, 1.221 em S. Francisco, 3.046 em Laguna, 699 em Itajaí, 90 em Joinville, 1.531 em Lages, 684 em São Miguel (Biguaçú), 54 em Tubarão, 1.968 em São José e 957 em São Sebastião (Tijucas).

ALGO SÔBRE CURITIBANOS

Dinarte BRASIL

Atendendo a uma sugestão do meu caríssimo professor J. Ferreira da Silva, digno diretor de "Blumenau em Cadernos", eis-me aqui, sem pretensões a historiador, escrevendo para a referida publicação algo sobre Curitibanos.

Segundo se tem conhecimento através a leitura da história pátria, Rapôso Tavares foi incumbido de perlustrar o nosso hinterland e abrir por êle uma picada que ligasse São Paulo ao Rio Grande do Sul. Isso lá pelos idos de 1633.

Por volta do século XVIII, dois irmãos, oriundos de Curitiba, aqui se fixaram definitivamente, atraídos naturalmente, pela grandes e fartas pastagens, ou quiçá mesmo pelo simples espírito de aventura.

É certo que êsses pioneiros, aqui estabelecidos com pequeno negócio, tornaram-se conhecidos de todos os tropeiros que demandavam de São Paulo ao Rio Grande e vice-versa.

Surgiu daí a denominação do local. A cogitação comum, naquele tempo, entre os tropeiros sôbre onde iriam sestear, onde pousar, era logo respondida: «nos Curitibanos», pensando na casa dos irmãos vindos de Curitiba. Essa é a origem do nome da cidade e município.

O expôsto servirá para ponto de partida de uma série de artigos e comentários que se seguirão.

Poderemos ainda adiantar que Curitibanos foi impulsionado para os comêços do seu desenvolvimento pela imigração de elementos provindos do Rio Grande do Sul, principalmente de Caxias, hoje a «pérola das colônias». Assim é que veio para Curitibanos Antônio Rossa, pioneiro no plantio dos parrerais e precursor da indústria vinícula no Município e que, além disso, foi o iniciador, também, do artesanato de se-laria e curtume e o construtor do primeiro moinho (atafona) para trigo e milho.

Pozzo Giovanni, ou João Pozzo, como foi melhor conhecido, foi o pioneiro da indústria madeireira, tendo montado uma pequena serraria, movida por roda d'água, localizada no Campo da Roça, hoje subúrbio da cidade.

Paulo Bernardoni, também aqui se estabeleceu na época com a primeira ferraria. Progrediu nesse ramo e, mais tarde, estabeleceu-se com hotel e casa comercial.

Paulino Pereira da Silva, pai de quem escreve estas linhas, foi quem montou a primeira fábrica de refrigerantes (gazozas) no município.

Todos êsses pioneiros vieram do Rio Grande do Sul.

Desenvolveremos, em futuros comentários, outros aspectos de famílias tradicionais desta região, o seu desenvolvimento social e econômico, as perspectivas para o nosso futuro, fontes de riquezas ainda inexploradas, perfis de homens que Curitibanos jamais poderá olvidar, assistência social e cultural e outros assuntos históricos e atuais.

Ainda Sobre Os Indígenas

J. Ferreira da SILVA

Já falamos em expedições organizadas com o propósito de enxotar os indígenas para longe da zona que estava sendo colonizada pelo Dr. Blumenau. Várias delas foram empreendidas pelos colonos mesmo, que se reuniam em número maior, ou menor, conforme o caso e outras eram chefiadas por caboclos experimentados, destemidos, conhecedores do mato e dos hábitos dos bugres. As incursões dos imigrantes não se aprofundavam muito na floresta. Limitavam-se a percorrer e perscrutar as imediações em que se davam assaltos por parte dos gentios. O colono era tímido, não gostava de meter-se em aventuras. Com o caboclo era diferente. Não tendo nada a perder, pouco se lhe dava o que resultasse do empreendimento. E atirava-se ao bugre com o mesmo entusiasmo, a mesma bravura e os mesmos riscos como se êle fôra uma onça ou outra caça perigosa. Ainda escreveremos mais sobre essas expedições. Hoje vamos dizer alguma coisa sobre os muitos ataques dos bugres ao estabelecimento do Dr. Blumenau. O primeiro dêles como já dissemos, aconteceu no dia 28 de dezembro de 1852 e foi justamente contra a propriedade do Dr. Blumenau, á Barra do Ribeirão da Velha. José Deeke relaciona nada menos de 61 assaltos de indígenas a colonos de Blumenau, desde 1852 até 1914. Dêsses assaltos resultaram 41 colonos mortos e 22 feridos. Augusto Zitlow anota na sua caderneta de bôlso, que já tivemos oportunidade de mencionar, outros assaltos além dos registrados por

Deeke. Com o auxilio dêsses dois operosos e inteligentes blumenauenses e valendo-nos dos seus depoimentos em livro e anotações vamos alinhar os diversos assaltos por ordem cronológica. A relação de Augusto Zitlow começa com o ano de 1890, pela época em que êle se instalou em Blumenau. A de José Deeke colhida em informações fornecidas por conterrâneos e pelos jornais da época, começa com o citado assalto ao acampamento da Barra da Velha. Depois dêsse, deu-se outro assalto de bugres em 29 de janeiro de 1855 para os lados de Itoupava. Em 1862, outro assalto no Garcia. No primeiro dêstes, 2 colonos resultaram mortos. Em 1866, novamente o Garcia é palco de uma nova investida dos bugres. Em março de 1870, no Rio do Têsto, os bugres atacaram a propriedade do colono Brunkow, matando-o juntamente com a mulher e um filho. Em 1872 verificaram-se nada menos de 3 assaltos, um no Rio do Têsto, um no Garcia e outro no Benedito. Em cada um dêles houve um colono morto e, no último, uma menina foi raptada pelos silvícolas. Em 1876 houve um assalto em Rio dos Cedros. Em 1877 deram-se também 3 assaltos: um em Rio dos Cedros, outro em Tatutiba e um outro em Itoupava Alta. Em 1883, aconteceram dois, um em Neisse e outro em Itoupava Rêga. Em 1884, um no caminho dos Tiroleses. Em 1885 também foram 3 os assaltos que se verificaram, em Guaricanas, Lontras e no Garcia. Em 1889 a localidade de São Pedrinho, próxima a Ro-

deio; sofreu também três assaltos de indígenas. Em 1890, no Campo do Ilhéu, em Trombudo, é morto pelos bugres o italiano Rocco. Em 1891, no Timbó, Serra Acima, o Madrinheiro Jacinto é morto a flechadas. Em 1892, no Morro do Trombudo, 5 pessoas da família Corrêa e muitas mulas de uma tropa são sacrificadas, pelos indígenas. Em 1894, dois assaltos: um no lugar Milanese e outro na Serra das Pedras, onde os bugres atacaram uma tropa matando 4 pessoas e 39 mulas. Em 1895, verificaram-se três assaltos, todos eles na estrada de Curitiba, perecendo os colonos Guilherme Klegin Augusto Hahnemann e Manuel Laurentino. Em 1897 foi morto João Cardoso, na Estrada para Curitiba. Em 1902, deram-se nada menos de seis assaltos: um na Serra do Pires, onde um brasileiro foi flechado, um em Ipiranga, um em Nova Bremen, um no Ribeirão dos Russos e outro em Guaricanas. Em 1904, aconteceram três assaltos, um na Estrada de Curitiba, onde foi morto Franz Dettner. Em 1905, também foi de 3 o número de assaltos, todos na Estrada de Curitiba tendo morrido 4 pessoas e 2 foram feridas. Em 1906, aconteceram 4 assaltos, sendo 2 na Estrada de Curitiba e 2 na Colônia Hansa-Harmonia, onde foi morto o colono Schulze. Em 1908, foram três os assaltos: em Pouso Redondo, Pinhalzinho e Braço do Oeste. Em 1910, no Rafael, Hansa, foi morto o colono Pletz. Em 1911 foram 5 os ataques dos bugres: um em Pinheiros, um em Rio Preto: um no Ribeirão dos Índios, um no Ribeirão dos Russos e um em Ipiranga. Mas nesses assaltos dois colonos perderam a vida e muitos animais foram sacrificados pelos

selvagens. Em 1912, outro assalto se deu em Pouso Redondo. Em 1913 também foi de 5 o número de assaltos: três em Braço do Oeste, um no Caminho Reuter e um outro no Rio Kraul, na Hansa. E, finalmente, em 1914, no lugar Liberdade, em Rodeio, foram saqueadas cinco casas e morto um colono. As anotações de Augusto Zitlow registram outros assaltos, tais como: quatro em 1890: um no rancho de Carlos Schroeder, no Rio do Sul, um no Ribierão da Atafona, na Subida, onde o colono Fritz Holler foi flechado, outro também na subida, com a morte do colono Giacomo Cipriani. A mulher de Carlos Reinert foi morta pelos bugres, em Rio do Sul, e enterrada no pasto de Odebrecht. O pior dos assaltos registrados por Zitlow foi o verificado na Barra do Serro Verde, onde foram mortas 11 pessoas da família de Júlio Ribeiro, tendo os bugres, depois da chacina, incendiado a casa desse colono. Se não temêssemos ser demasiado maçante, poderíamos citar ainda muitos outros assaltos com os quais os silvícolas levaram a morte, o saque, o pavor e o desespero às casas de muitos colonos que iam ocupando os lotes que eram demarcados pela turma de agrimensores da direção da Colônia Blumenau, pelo Itajaí Açú acima e ao longo de ambas as margens dos seus muitos afluentes e confluente. Mas só pelo que ficou registrado acima pode-se bem ter uma ideia do que passaram os primeiros colonos, nos anos que se seguiram à ocupação das glebas de terra que lhes eram destinadas. Além de muitos outros trabalhos e sofrimentos, como os da derrubada de matos para plantações, a construção de ranchos, as privações de toda sorte, o contí-

nuo e angustiante temor do bugre. Ninguém estava livre de se ver, de repente, durante os trabalhos da roça, cercado pelos bugres que matavam e saqueavam todos e tudo quanto encontrassem. Era uma ameaça constante, uma contínua preocupação para os pobres

imigrantes, que a muito colono levou até mesmo à loucura. E foi sob a angústia de mais essa apavorante preocupação, que os nossos pais trabalharam para engrandecer a nossa terra e fazer o bem estar de nossa gente.

Sesquicentenário de Von Gilsa

Nascido em 1820, na Alemanha, o capitão Victor von Gilsa completaria, neste ano, o seu 150º aniversário.

É uma efeméride que não pode passar despercebida. Von Gilsa teve tão marcante atuação na vida dos primeiros anos da Colônia Blumenau que o seu nome não só não pode ficar no esquecimento como merece a estima e o respeito de quantos vivem, hoje, neste Blumenau de cuja riqueza e extraordinária prosperidade êle foi um dos artífices.

Na sua terra natal, servira, como capitão, nos exércitos da Prússia e do Schleswig-Holstein. Quando D. Pedro I, no propósito de restabelecer a paz no sul do seu novo Império, convulsionado pelas guerras contra a Argentina e a Província Cisplatina, mandou recrutar mercenários entre os soldados alemães, von Gilsa veio para o Brasil, comandando um grupo dêles.

Participou da campanha do sul. Após os acontecimentos que resultaram na dissolução de vários batalhões dêses mercenários, amotinados no Rio de Janeiro, von Gilsa veio para Santa Catarina, inscrevendo-se como colono no estabelecimento do Dr. Blumenau.

Com a morte do nosso primeiro professor Público, Ferdinando Ostermann, von Gilsa assume êsse cargo em 1858. Sete anos depois, estoura a guerra contra Solano Lopez, o ditador paraguaio. O governo imperial decreta o recrutamento entre os nacionais e apela para os estrangeiros residentes no país no sentido de que, também êles, cooperassem na defesa do território da nação que haviam escolhido para sua segunda pátria.

A Colônia Blumenau tinha apenas 15 anos de existência. Os seus moradores eram todos alemães de nascimento. Mesmo assim muitos dêles atenderam, pressurosos, ao convite. Entre êses, von Gilsa foi o escolhido para comandar o contingente que a Colônia forneceria. Com Gilsa quatro outros oficiais, o Tenente Guilherme Friedenreich, os alferes Júlio Sametzki e Guido von Seckendorff e ainda o tenente Emílio Odebrecht ofereceram também os seus serviços em defesa da honra e da dignidade do Brasil.

Igualmente setenta e seis outros rapazes alemães, colonos de Blu-

menau, acudiram ao chamamento do govêrno brasileiro e, a 5 de outubro de 1865, seguiram todos para Destêrro, a Capital da Provincia, donde, incorporados posteriormente à nona Brigada de Infantaria, partiram para os campos de batalha.

Embora não tenha feito tôda a campanha, até à morte de Lopes e o fim da guerra, von Gilsa participou de várias operações, tendo sempre demonstrado grande entusiasmo patriótico, grande zelo e cuidado na sua tarefa de comandante, inculcando, nos seus subordinados, o ânimo e a coragem necessários aos bons soldados.

Tendo adoecido em campanha, voltou a Blumenau e, em 1867 reasumiu o seu cargo de professor de primeiras letras, da única escola pública masculina da Colônia, cargo em que se conservou até a morte, em novembro de 1874. Vitimaram-no consequências de moléstias adquiridas em campanha.

Constituiu-se, assim, êsse abnegado blumenauense, num exemplo de verdadeiro patriotismo, de amor e dedicação à sua comuna e ao desenvolvimento material e cultural da nação que êle serviu com rara abnegação e amou com entranhado afeto.

Na passagem do sesquicentenário do seu nascimento, é justo que os blumenauenses lhe rendam à memória abençoada um culto todo especial, pois Gilsa foi um modêlo de blumenauense e de brasileiro, digno de encômios, de respeito e de imitação.



Eram em número de apenas 3 as agências do Correio em tôda a Provincia de Santa Catarina, no ano de 1860. Eram elas: Itajaí, Laguna e São Francisco. Foi criada depois uma em Dona Francisca.

—BLUMENAU EM CADERNOS—

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas por Tomo (12 números) Cr\$ 10,00 —

Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil

Da Casa Paterna Para A Escola

— Fernando MÜLLER —

A 3 de junho de 1893, completei 14 anos de idade e como fôsse muito inclinado à leitura e à escrita e, ao mesmo tempo, tivesse um temperamento de revoltoso, meu pai confiou-me ao pastor Faulhaber, que era muito seu amigo.

O senhor Pastor era muito dado ao jôgo do bolão e parece que não foi muito com meu palpite de querer estudar. Mesmo assim, aproveitei muitas horas de solidão para invadir a linda biblioteca do senhor Pastor e satisfazer a minha curiosidade em saber coisas para as quais eu ainda não estava preparado.

Fui matriculado na «Neue Schule» (Escola Nova) em Blumenau, trazendo como um verdadeiro «Kolonistenstrolch». Os alunos que comigo pertenciam à segunda classe, muitos eram granfinos, como Fernando Altemburg, Júlio Willerding, Vitor Konder, Busso Asseburg, Adolfo Rischbieter, Moritz Werner, Edgar Odebrecht e mais alguns de que não me recordo bem os nomes.

Os professôres, naquela ocasião, eram o senhor Hugo Krüger, o senhor Rauschler von Altvater (austriaco) e a Freulein Alice Baumgarten, que mais tarde se casou com o Pastor Faulhaber, naquele tempo diretor da Escola.

O senhor H. Krüger era um bom homem e sempre me atendia quando eu lhe fazia perguntas a respeito de assuntos que minha avó e o mestre-escola do meu sítio me haviam ensinado e que não correspondiam às cogitações de meu espírito sempre cheio de curiosidade.

A senhorita Alice Baumgarten era bondosa demais. Não servia para dirigir moços que não haviam sido ensinados, talvez, nem mesmo a obedecer às próprias mães.

O senhor Rauschler era um homem rude e, além disso, era católico, enquanto a maior parte dos alunos era protestante e, assim, os alunos não tinham nenhuma simpatia por êle.

Eu entrei na escola com uma semana de atraso, pois meu pai não tinha pôsto atenção em que o regulamento da escola da cidade era diferente do da do sítio e, assim, fui ocupar o último lugar no banco e fiquei sentado ao lado esquerdo de um moço que já estava habituado a ocupar aquele lugar.

Era, então, praxe os alunos mudarem de lugar nos bancos às segundas-feiras. Como os meus trajas eram de caipira e ocupasse o último lugar, tornei-me alvo da zombaria dos demais.

No dia em que entrei na escola, não tinha nem idéia da disciplina ali imposta. O professor Rauschler von Altvater dera aos alunos uma poesia para declamação em comum e de que cada um ia recitando uma estrofe ou um verso. Eu não conhecia a poesia e quando chegou a minha vez de declamar a minha parte, o professor chamou pelo meu nome, mas eu nem me levantei. O senhor Rauschler veio e bateu-me na cabeça com o livro que tinha na mão.

Chorei, menos pela dor do que por ter o senhor Rauschler me chamado de «Dumme Kolonistenschlingel» (estúpido colono maroto).

Vou citar duas estrofes da tal poesia que sempre me acodem à memória quando me lembro do sr. Rauschler e também dos irmãos Max e Luiz Welmuth, também meus colegas. Max Welmuth, naquele dia, fôra muito elogiado como o único dos alunos que declamara a poesia com mais entusiasmo, estufando a barriga de tal sorte que os botões do paletó pareciam querer saltar fora.

As estrofes que se agarraram à minha memória são estas:

“Der Peter wollt nicht länger bleiben.
Er wollt hinaus, weit in die Welt.
Dies Wagestück zu hintertreiben,
Der Mutter immer schwerer fällt
Die Mutter sprach in ihrem Kummer:
“So sieh doch nur den Vater an:
“Der reiste nie und ist nicht dummer
“Als mancher weit gereiste Mann”.

Max Wehmuth sabia dizer essas coisas com muito humor.

Na aula seguinte, quando o sr. Rauschler saiu do recinto, entrou o Pastor Falhaber e como me visse chorando, perguntou-me porque. Eu nem pude responder, lembrando-me do meu mestre-escola do sítio, João Schümann que nunca me batera, sabendo que eu era orfão de mãe e ainda dizia sempre a meu pai que eu era o aluno mais aplicado da sua escola.

E como eu, chorando, não pudesse responder ao Pastor, a boa Alice Riedel, filha do senhor Hugo Riedel explicou-lhe que eu chorava porque o professor me havia batido com o livro na cabeça. O Pastor, naturalmente, não quiz criticar o professor na frente dos demais alunos e disse-me, apenas, que eu não chorasse.

O Pastor ensinava história universal e história bíblica. E, naquela mesma hora, disse a tôda a classe que ninguem sabia responder nem a metade das perguntas sôbre a Bíblia que eu podia responder. Disse ainda aos meus colegas que reparassem que eu não tinha mãe e que

vinha de uma escola de um pobre mestre de roça, citando o nome do senhor João Schumann. E logo passou a provar o que dizia, argüindo a turma sobre todos os pontos que elle já dera no ano anterior e eu respondia bem todas as perguntas que os outros não sabiam responder.

De tarde, em casa, o pastor me perguntou porque o professor Rausch havia me batido. Já disse que eu morava com o pastor, na casa paroquial, atrás da Igreja luterana, no início da rua que vai para o Garcia. O pastor era solteiro. Fazia as suas refeições no hotel da senhora Baumgarten, na rua das Palmeiras. Lá também eu comia, mas muito irregularmente porque o meu pai me entregara ao pastor para que este cuidasse de mim. O Pastor prometera a meu pai que me mandaria à escola e, nas horas vagas, far-lhe-ia os serviços da casa. Assim, eu tinha muito que fazer e quase nenhum tempo para estudar, o que era o meu mais ardente desejo.

Eu dormia num quarto do sótão da casa do Pastor. Elle dormia num quarto espaçoso, bem mobiliado e confortável. Eu tinha que fazer a limpeza dos móveis e do quarto e também do outro, onde elle tinha a sua biblioteca. Ali, quando eu ia fazer a limpeza, demorava-me lendo muitas coisas que não são próprias para mim. Mas também li muitos livros que me foram bem proveitosos para a vida. Infelizmente, eu quase não tinha tempo disponível. Meu irmão, que também morava na casa paroquial é que me dava as instruções de serviço. Esse meu irmão, Luis, trabalhava na tipografia do «Der Urwaldsbote», instalada no sobrado da Casa Sachtleben. Às vezes, a tarefa do meu irmão ia até alta noite e eu tinha que dormir só, carregado de sobressaltos.

Meu irmão também fôra entregue ao Pastor, para aprender alguma coisa; mas ele era um espirito bem diferente do meu. Gostava de trabalhar, mas odiava os livros. O Pastor entregou-o ao José Gall que era com Hermann Gauche, tipógrafo nas oficinas do «Der Urwaldsbote». Assim elle não vinha mais dormir na casa paroquial, nem tomar refeições no Hotel da senhora Baumgarten. Meu pai sabendo disso e não tendo interesse que o filho trabalhasse na tipografia, pois queria que elle estudasse mais, levou-o de volta para o sítio, para ajudá-lo na lavoura.

De outra vez, contarei outras coisas da minha vida de estudante em Blumenau.

Em 1879 achavam-se encarregadas de medir e demarcar lotes, abrir caminhos coloniais e executar outros trabalhos técnicos em Santa Catarina, seis comissões chefiadas pelos seguintes engenheiros: João de Carvalho Borges Júnior, nas colônias Itajaí (Brusque) e Príncipe Dom Pedro; Pedro Luiz Taulois, no centro colonial de Luiz Alves; Carlos Otton Schlapal nos vales de Capivari e Braço do Norte; Joaquim Vieira Ferreira, no municipio de Tubarão, Alberto de Aquino Fonseca, na Colônia Angelina e Emilio Odedebrecht encarregado dos trabalhos da estrada destinada a ligar Blumenau com a vila de Curitibaanos.

UM CASO JULGADO

Em 27 de abril, de 1913, o jornal «Novidades» de Itajaí, publicava o seguinte sobre o então muito discutido problema do chamado «perigo alemão» que, ainda hoje, muitos patrioteiros pretendem, inutilmente, fazer ressuscitar:

«Todos nós que aqui estamos na zona mais de perto interessada, sabemos que o assunto do perigo alemão periodicamente surge pela imprensa do país, trazendo a atenção pública, pelo menos uma parte dela, porém não a mais sensata, volvida para o sul do Brasil, principalmente para o Estado de Santa Catarina e particularmente para o Vale do Itajaí e Blumenau. É um tema já tão decantado que nas discussões a seu respeito já nada de novo aparece e sempre nas mesmas bases se levanta, mesmo porque numa questão suscitada pela mera imaginação, tendo por objeto uma utopia, difícil é «arranjar» larga soma de argumentos convincentes.

É uma excrescência de um patriotismo mal entendido que peca por demasiadamente zeloso pela integridade da Pátria e que, impulsionado, às mais das vezes, por forças ocultas e interesseiras, cai nos exageros mais lastimáveis - ridículos ao observador sereno e desapaixonado - que porém, produzem prejuízos inegáveis.

Um dos muitos pontos justificativos do alarma acêrca do perigo alemão, era aquêle que se referia às concessões de terras dadas à companhia colonizadora Hanseática que era apresentada como uma empresa poderosíssima, um polvo que absorvia tôdas as manifestações nacionais destinada a ser, um dia, o baluarte do «alemanismo» no sul, enfim, um Estado dentro do Estado.

Há pouco tempo, em entrevista publicada, o exmo. sr. Dr. Lebon Régis, digníssimo secretário geral do Estado, desfez com dados positivos essa lenda da potência da Companhia Hanseática demonstrando os limites modestos em que ela trabalha e com que dificuldades se mantém.

Outro ponto que nossos superpatriotas espalhavam aos quatro ventos como um signal de germanismo e um eminente perigo para as instituições e integridade do país, era o que dizia com as atas do conselho municipal de Blumenau, em alemão.

Sempre desmentida categoricamente pelos que sabiam não ser esta asserção verídica, não obstante surgia sempre de novo.

Foi por isto que por iniciativa do presidente do Conselho Municipi-

pal do vizinho Município e por resolução dessa corporação, foram convidados alguns patricios ilustres para examinar os atas do conselho municipal desde a data em que, a Blumenau, foi dada a autonomia municipal.

Damos a seguir, o t ermo lavrado a respeito deste exame, procedido no dia 2 do corrente:

“Aos dois dias do mes de abril do ano de mil novecentos e treze, em uma das salas do Paço Municipal de Blumenau, a  reunidos, a convite do Conselho Municipal, os srs. João Pedro da Silva, Juiz de Direito da Comarca, Alberto Gaston Sang s, Chefe do 12.º Distrito da Inspeoria Federal das Estradas, José Luiz Baptista, Chefe do 6.º Distrito da mesma Inspeoria, José Luiz Mendes Diniz, Engenheiro Chefe da Estrada de Ferro de Goias, Rodolfo Alberto Vieira Ferraz, Agente do Commissariado Geral de Terras do Estado, a fim de examinarem os livros de atas do aludido Conselho Municipal, depois de lerem e verificarem todos êsses livros, desde da instala o do Município de Blumenau até hoje, declararam terem encontrado as atas do Conselho e mais documentos lavrados na lingua do pais e consignam mais que encontraram mais na ata da sessão do dia 30 de agosto de 1886 um protesto contra a elei o de dois cidadãos para vereadores da comarca, por não falarem o portug es, protesto que foi aceito pela edilidade.

E, para constar, lavrou-se o presente t ermo, que vai por todos assinado.”

Em vista disto fica f ora de combate mais um ponto, e o principal do perigo alemão.

A questão das atas em alemão será para todos os homens bem intencionados um caso julgado.

Porém, s -lo-  igualmente para os nativistas rubros?!

Temos as nossas d vidas a respeito, porque o pior cego   aquêle que não quer v r».



Em novembro de 1905, o Capitão de Portos de Santa Catarina mandou fazer estudos para localizar a pedra em que, recentemente, havia encalhado o navio de guerra argentino “Nueve de Julio”, na Enseada de Itapocoroia.

Na ocasião, soube-se que a pedra era conhecida de todos os moradores da Arma o, pois, há 62 anos atrás nela abalroara com a sua canoa e morrera afogado o pescador Manoel Antônio, sendo, desde então, a pedra sido conhecida pelo nome dêsse pergador.

BLUMENAU E A SUA IMPRENSA

LXXI

“LUME”

Honorato Tomelin que, com vimos, fundara em 1943, «A Nação», depois de passados quase três anos de ter deixado a direção desse jornal, aparece dirigindo o «Lume», cujo primeiro número foi distribuído a 30 de outubro de 1949.

Jornal bem feito, formato 32,5x47cm. geralmente com oito páginas publicava-se aos domingos, sendo seus gerentes Alessio Tomelin, e Manoel Pereira Júnior. A redação e as oficinas situavam-se á rua Nereu Ramos. Com muito boa apresentação gráfica, «Lume» trazia colaboração variada e noticiário selecionado da cidade e do Estado, e ampla seção esportiva.

Com o primeiro número iniciou a publicação dos discursos pronunciados na Câmara dos Deputados pelo parlamentar catarinense Celso Bayma, enfeixados em folheto intitulado «A Colonização Alemã em Santa Catarina», de grande importância para a população do Vale do Itajaí.

Já com o número 4, o nome de Manoel Pereira Junior desaparece da gerência, permanecendo apenas nessa função Alessio Tomelin. Frederico Carlos Allende, destacado jornalista, é assíduo nas páginas do novo semanário subscrevendo interessantes crônicas e comentários sobre os mais variados assuntos.

Nesta fase, «Lume» cessou a sua publicação com o número 18, de 26 de janeiro de 1950, quando a redação publica uma nota adiantando que, convidada para dirigir «A Fôlha»: periódico bissemanário que iniciaria suas atividades a 4 de março, a direção resolvera suspender a circulação de «Lume», prometendo batalhar na «A Fôlha» pelos mesmos ideais que orientaram a atuação jornalística daquele.

Sobre «A Folha» falaremos mais adiante.

«Lume», entretanto, ressurgiu a 11 de janeiro de 1951, com o número 19 ano II, circulando às quintas-feiras e aos domingos. Vem no mesmo formato, boa apresentação gráfica, tendo como proprietário Honorato Tomelin e como redator Humberto Mazzolli. Procópio Teelles encarregava-se da publicidade e assinaturas. Em abril, assume-lhe a gerência o Sr. Israel Costa, que deixa de figurar do n. 52 em diante. Respondia pela seção esportiva o sr. J. S. Gonçalves. Em setembro, entra como auxiliar de redação o sr. Hélio Alves. A parte esportiva passa para a responsabilidade de Vianna Júnior. De março de 1951, em diante, entra a figurar como gerente Valmor Antero da Silva que deixa o cargo em julho de 1952, passando a Inspetor Viajante.

Com o número de 6 de setembro do ano seguinte, comemorativo da Independência do Brasil, o «Lume» aparece já impresso em prelo e oficinas próprias á rua 7 de setembro 1486, com 18 páginas e em formato aumentado, 37x54,5cm, que conservou daí por diante. O que foi pena, porque deixou um formato bem mais cômodo e bem mais prático para um bissemanário e que dava ao jornal um aspecto bem mais simpático. Em meados de 1954, entra para a gerência o sr. Nilo Bragagnolo, que permanece até o fim do ano. Em maio do ano seguinte, Humberto Mazzolli, deixa a redação do «Lume», por ter sido transferido para cargo de chefia de importante firma comercial de Joinville.

Mazzolli, vinha, há anos, exercendo o jornalismo a par da sua profissão de contabilista e das suas intensas atividades desportivas. Fôra presidente da Associação dos Contabilistas de Blumenau e da Junta Disciplinar Desportiva da Liga Blumenauense de Futebol.

Permanece, unicamente, no cabeçalho, o nome de Honorato Tomelin como diretor-proprietário. Em fevereiro de 1956, n.º. 485, entra para a redação Leovegildo Raschke e como redator-secretário Odorico Durieux, mas já no número seguinte desaparece o primeiro nome, permanecendo apenas o ultimo que, em março, também cede lugar ao de Luís Reis que passa a figurar como redator até abril de 1957. Já então e desde o mês anterior, «Lume» passou a ser publicado apenas uma vez por semana. Do «expediente» começam a figurar em abril de 1956, como colaboradores Odorico Durieux e João Frainer, o primeiro logo em seguida substituído por Frederico Kilian. Um e outro desses nomes já não constam mais de junho em diante.

Em outubro de 1957 aparece no cabeçalho o nome de Agripino Flôres, como gerente, permanecendo até fevereiro do ano seguinte. Os redatores eram diversos.

Alfredo Tomelin assume a direção da redação e gerência em fevereiro de 1959 nela permanecendo até fevereiro de 1960. Em outubro desse mesmo ano, entra para a redação o industrial Cássio Medeiros, destacado jornalista que já vinha colaborando não só nesse como em outros jornais do município e do Estado e fôra diretor proprietário de «Alvorada», de Florianópolis. Por esse tempo, o jornal perde um pouco da regularidade com que vinha sendo publicado. Em meados de 1962, apareceu, como redator, o experimentado jornalista Álvaro Corrêa e como gerente Vivaldo C. Tomelin. Em janeiro seguinte, com o n.º. 897, do dia 27, «Lume» surge em formato menor 32x46cm, já figurando como redator Luis Antônio Soares. O fato se deveu à falta de papel no formato próprio. Embora pretendesse, já com o número seguinte, voltar à normalidade de tamanho, as edições seguintes, até a de n.º. 911, de 2 de junho continuaram em formato reduzido, tendo, nesse interim, Luis Antônio Soares passado a ocupar a gerência, cumulativamente com a redação e Vivaldo Tomelin transferiu-se para a secretaria geral da empresa.

Vários nomes de intelectuais blumenauenses subscrevem artigos, como colaboradores ocasionais. Voltando ao antigo formato, «Lume» não teve alterações dignas de registro até agosto de 1965, quando passam a figurar como gerente Ingo Bernhard, Nelson Tomelin e Luiz Antônio Soares afasta-se da redação. Entre fevereiro e agosto de 1965 o jornal deixou de circular. Com o n. 955, de 9 de abril de 1966, surge como gerente Waldir Santos e como redatores Donato Ramos e Luiz Antônio Soares, mas, já no número seguinte há completa alteração no quadro de diretores: gerente Donato Ramos e diretor de redação J. C. Ramos. Luiz Antônio Soares volta para a redação em junho. As edições de números 969 a 976 aparecem em formato reduzido novamente (29x38cm.), embora com maior número de páginas (16) e sem o nome de Luis Antonio Soares como redator. Vinham, entretanto, com enorme irregularidade cronológica, as vezes com intervalos de vários meses entre uma e outra edição.

Com o número de 15 de março de 1968, volta o jornal ao formato maior, constando do cabeçalho, como diretor-gerente, Nelson Tomelin e Luiz Antônio Soares como diretor de redação, nome que desaparece nas edições seguintes. No número 980, de 7 de agosto de 1968, figura como redator Bráulio Schloegel. Permaneceu êste pouco tempo nessas funções. Depois de um hiato de quase um ano, «Lume» reaparece em setembro de 1969 tendo como redator o prof. Enéas Martins de Barros e diretor de publicidade M. Kindel. A numeração também sofre alteração, voltando, com êsse reaparecimento, para o nº 964, falha que é corrigida do nº 966 em diante. O professor Enéas, deu ao jornal uma contribuição intelectual à altura dos seus grandes conhecimentos de vernáculo e da sua conhecida inteireza de caráter, por apenas dois meses. Em maio de 1969, Bráulio Schloegel e Wilson Nascimento inauguram uma seção cultural com interessantes artigos sôbre literatura, artes etc. Infelizmente essa seção não ultrapassou a duas ou três edições. Novo hiato de mais de seis meses e o jornal reaparece em janeiro de 1970, tendo como redator J. B. Marçal até maio seguinte. Honorato Tomelin passa a figurar como diretor e redator.

Sem regularidade nas suas edições, «Lume» continua a ser publicado. Nos primeiros anos, obedecendo a uma orientação política inspirada no integralismo, envolveu-se em memoráveis campanhas eleitorais, tendo sempre se batido, patriôticamente, pelo aperfeiçoamento de normas e princípios que devem reger a interferência dos cidadãos na vida pública. Também soube defender, com galhardia, os interesses políticos, econômicos e sociais de Blumenau aparecendo, sempre, como um verdadeiro e destemido defensor das reivindicações e dos anseios da população blumenauense.

LXXII

“ A C A N C H A ”

Em meados de janeiro o Sr. H. Wandrey, entrega á publicidade uma pequena revista, destinada, exclusivamente, a assuntos desportivos. Capa em tricromia, sempre focalizando craques do futebol blumenauense. Formato 16 x 21,5 cm, com 38 páginas os três primeiros números. Os números 4 a 7 aparecem em formato maior: 16,5 x 22,5 cm, com apenas, 26 páginas. Publicaram-se, apenas, essas sete edições. Foi uma revista bem feita, bem ilustrada e com farto noticiário relacionado com as várias modalidades de esportes praticados nesta região. Do artigo de apresentação assinado por Wandrey, consta o seguinte: «A cancha» um órgão que, fielmente mostrará aos seus leitores, imparcialmente, o desenrolar do esporte em todas as suas modalidades. Queremos mostrar aos nossos leitores por meio de ilustrações, as mais interessantes peijas atléticas, publicar biografias etc. dos craques que militam em nosso meio, não só do futebol, como também do atletismo, natação, basquete, automobilismo, turfe, tênis, etc.»

O Arquivo Histórico Municipal possui a coleção desta revista.

LXXIII

“G. E. OLÍMPICO”

Ainda em janeiro de 1950 surgiu uma outra revista esportiva, a «G.E. Olímpico», órgão do «Grêmio Esportivo Olímpico», com sede à Alameda Rio Branco, desta cidade. Como seu diretor figurava o sr. Heinz Hartmann. Redatoriavam as várias seções os senhores Aldo Macedo, futebol, Basquete e volei, Egon Belz, atletismo, Franz Engel, punhobol; Ernesto Leyendeker, humorismo Gilberto Schneider e a secção feminina Ivone Schneider. É do artigo de apresentação o seguinte: «Esta revista pertence ao corpo social, cuja cooperação cada vez mais crescente permite ao Olímpico projetar-se em escala sempre maior no cenário esportivo catarinense e nacional. É dirigida pelo departamento competente do Grêmio e redigida pelos respectivos colaboradores das nossas diversas secções esportivas. Destina-se a estabelecer um elo a mais entre todos aqueles que militam nas hostes alvirubras, cerrando fila em tórno do glorioso pavilhão que representa o trabalho que realizamos pela punjança esportiva da Pátria, pelo desenvolvimento de nossa raça e pela formação de uma mentalidade sã para o nosso povo».

Formato 17 x 23 cm. 12 páginas ilustradas com fotografias de times e craques de futebol. Revista também muito interessante e que foi, realmente pena, não tivesse ido além do número de junho do mesmo ano. Em agosto do ano seguinte, foi publicado mais um número, com capa colorida, comemorativa da passagem do 32º aniversário de fundação do Olímpico,

O Arquivo Histórico possui os sete números publicados.

LXXIV

“A FÔLHA”

Ao analisarmos as diversas fases de publicidade do semanário «Lume», referimo-nos, ligeiramente, à «A Fôlha», bissemanário cujo primeiro número surgiu em março de 1950. Seus diretores foram os mesmos do jornal desaparecido: Honorato Tomelin, como diretor, Humberto Mazzolli, como redator e gerente Alessio Tomelin. Aparecia às quartas-feiras e aos sábados, geralmente em quatro páginas e no formato 37,5x54,5 cm. Sem alteração substanciais no seu quadro de diretores e com bastante regularidade o jornal chegou até o final do ano de sua fundação tendo, a 2 de setembro, circulado em edição especial em homenagem ao centenário de fundação de Blumenau com 40 páginas, farta ilustração e colaboração variada. Era impresso nas oficinas do «Lume» e desapareceu no fim do mesmo ano de 1950.

Caracterizou-se por intensa atuação política, tendo se envolvido nas lutas travadas entre os vários partidos que agitavam o panorama político catarinense. O Arquivo Histórico possui a coleção completa com exceção dos dois primeiros números.

A ÚLTIMA VIAGEM DO «BRUSQUE»

CELSO LIBERATO

Em tempos de antigamente, ancorava no porto de Itajaí já então grande entreposto comercial de madeira serrada, uma bela frota de navios a vela, a quem incubia o seu transporte para as praças de Santos, Rio de Janeiro e outras do país.

Eram as barcas «Emilia» e «Ramona», de Nicolau e Bruno Malburg, eram os lugres «Almirante» de meu tio-avô Antônio Pereira Liberato, «Dom Guilherme», «Wulf» e «Fidelidade», de Guilherme Asseburg, «Vieira», de Marcos Konder Senior, «Brusque», de João Bauer, avô de minha esposa, para só citar alguns dos veleiros de maior porte.

Talvez por influência da vocação marítima do velho Portugal e do espírito de aventura de seus grandes navegadores, naquela época quase todos os comandantes de navios de Itajaí eram portugueses, como o capitão Moraes e o Capitão Adolpho, o Capitão Rosas e o Capitão Secundino, que de momento me ocorre nomear.

E os que não eram portugueses, via de regra, eram filhos de portugueses, como os itajaienses Apolinário Marques Brandão, jovem comandante do «BRUSQUE» e os irmãos Alfredo e Gaspar da Costa Moraes, além de outros.

Construído na Noruega, em pinho de Riga, era o «BRUSQUE» um belo navio ou como hoje se costuma dizer um «estouro» de navio, todo branco, a lembrar na harmonia das linhas os galeões e bergantins de outrora com alegorias e incrustações na prôa e na pôpa e logo abaixo, em alto relêvo, o nome «BRUSQUE», cinzelado em letras douradas, com tres altos mastros guarnecidos de grandes vergas, que lhe aumentavam a imponência e o charme, logo chamado de «Cisne Branco».

Naquela longínqua manhã dos começos dêste século, uma dessas belas manhãs de Itajaí, brilhantes de luz oceânica, atracado ao trapiche Bauer, carregado de madeira, de convés e passadiços lavados e escovados de véspera, com as vigias tinindo no brilho, retocado de pintura nova, as bandeiras e sinais balançando ao vento, o «BRUSQUE» aguardava em silêncio a hora da partida para mais uma longa viagem ao Rio de Janeiro.

A bordo, os tripulantes cuidavam dos últimos arranjos, já antevendo o «BRUSQUE» no seu antigo roteiro, de velas enfunadas pelo vento, a abrir caminho nas ondas, sem que lhes passasse pelos longes da imaginação que seria aquela a última viagem do garboso veleiro, viagem de esquivos horizontes, curta e trágica, na verdade o seu «Canto de Cisne».

Afinal, com a chegada do práctico da barra, se me não engano o velho Maia, de boné branco e jaquetão azul escuro, de botões dourados, recolhidas as âncoras e desatadas as espias, foi o «BRUSQUE» lentamente desatracando, puchado pelo minúsculo e veterano rebocador «JAN», ao qual se achava ligado por grosso e extenso cabo de reboque, estralando de novo.

E logo após, o «JAN» e o «BRUSQUE», descrevendo caprichoso hemicírculo foram até o meio do rio e dali embicaram na direção da barra.

Em terra, olhares ternos ou simplesmente curiosos, acompanhavam os dois barcos a descer vagarosamente o rio.

Na esteira do «BRUSQUE» iam as esperanças de ida e volta. Se lhe soprassem ventos favoráveis, um suestão ou mesmo um sueste fresco, com dez ou doze dias de viagem estaria lançando ferros na Guanabara. Mas com calmaria ou ventos contrários, seriam vinte dias ou trinta ou mais, de monótono e infinito navegar.

No morro da ataláia, a cavaleiro da barra, a bandeira branca içada no mastro assinalava passe livre para as embarcações.

As eternas gaivotas do pôrto iam e vinham em vôos incertos sobre o grande navio.

Em contínua descida do rio, o «JAN» e o «BRUSQUE», pouco depois, numa fácil manobra, enfiavam pela boca da barra e desafogavam na largueza do mar.

Mas quando já estavam fora da área perigosa, longe das lages e dos bancos de areia da barra, o «BRUSQUE» de joanetes a inchar de vento e o «JAN» a ponto de lhe cassar o reboque, com o aviso de «missão cumprida», o grande cabo tenso como corda de viola que prendia o navio ao rebocador, arrebenta com estrépito, as duas pontas sibilando no ar.

Era o começo do fim.

Repetia-se a cêna do navio «POTOSI» naufragado tempos antes no mesmo local, que também puxado pelo «JAN» teve partido o cabo de reboque, acontecimento descrito pelo Sr. Fernando Müller na edição desta Revista, de fevereiro do corrente ano.

Frente a frente com o perigo instantâneo, os do «BRUSQUE» e os do «JAN» empenham-se em temerárias tentativas de salvamento do veleiro, a que não faltam lances de coragem e desprendimento pessoal, mais tarde ressaltados pelos jornais «Novidades» e «O Pharol», de Itajaí.

Mas, como diria Mont'Alverne, «Era tarde, era muito tarde».

Solto nas vagas, sem o elo do reboque, entregue á própria sorte, as velas e as cordoalhas agitadas pelas refregas marinhas, o «BRUSQUE» é um navio fantasma, a zanzar ás tontas na solidão do mar.

Pouco a pouco vai sendo impellido para terra pelas ondas que lhe batem o casco e em seguida encalha e aderna frente ás alvas areias da praia de Itajaí, hoje praia de Navegantes.

Por sorte, não houve o registro de nenhuma vitima, mas do carregamento de madeira e dos petrechos e trecos de bordo, perdeu-se bôa parte. Com tudo, como muda testemunha do desastre do «BRUSQUE», ainda existe sã e salva, em poder de uma das netas do saudoso proprietário do navio, Sra. Ligia Bauer Ramos, residente no Rio de Janeiro, a grande e metálica sopeira de bordo, hoje peça de museu, estreitamente associada á história marítima de Itajaí.

E assim, num dia fatídico, de bruxas soltas sobre a face do mar, encerrou-se a carreira náutica do «BRUSQUE», lastreada de reais serviços ao comércio e á navegação.

Mas os outroze veleiros, os restantes da frota, guarnecidos por guapos e rijos marujos itajaienses, continuaram a velejar na velha rota, sem temores nem receios da aza negra dos cabos de reboques, dos perigos da barra ou da sorte do mar, na sua missão econômica e civilizadora, de comércio marítimo.

Companhia

COMERCIAL SCHRADER

BLUMENAU — Santa Catarina
Caixa Postal, 4 - Telegramas «CIASCHRADER»

110 anos de tradição no comércio do
Vale do Itajaí

Sede, Admitistração, Escritório e Lojas
Rua 15 de Novembro Nº. 117
Telefones: 22-0411 e 11-0736

Depósitos: Rua Itajaí, 260
Telefone: 22-0429

Oficina mecânica especializada "MERCEDES - BENZ"

Rua Itajaí, 625
Telefone: 22 - 0450

Revendedores de Chassis e Peças «MERCEDES-BENZ»
Lubrificantes «MOBILOIL»; pneus e câmaras de ar
«DUNLOP» e «PIRELLI».

Agentes Gerais da "CIA. BOAVISTA DE SEGUROS" e "SANTA CRUZ"

Cia. de Seguros Gerais
Telefone: 22-1024

CREMER S/A.

Produtos Têxteis e Cirúrgicos

BLUMENAU - Rua Iguaçu, 291/362 - Santa Catarina

Caixa Postal, 953 - Fone 22-1066



Gazes e Ataduras Medicinais

Ataduras Gessadas

Algodão Hidrófilo

Fraldas para Bebês

Faixas Higiênicas Para Senhoras

Artigos De Primeira Qualidade.